



Histórias de vida: mulheres professoras e a escolha do magistério

Maria Celi Chaves Vasconcelos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / Universidade Católica de Petrópolis – UCP

maria.celi@ucp.br

Ignez de Oliveira Felix

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

pitukafelix@hotmail.com

Resumo

O presente estudo trata de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de um instrumento privilegiado dessa metodologia para análise e interpretação dos fatos, a história de vida, na medida em que permite desvendar aspectos subjetivos, aproximando-os dos contextos vividos. Assim, o objetivo principal remete ao momento em que mulheres de diferentes gerações optaram pela escolha do magistério como profissão, pretendendo apresentar algumas discussões a respeito de como essas escolhas foram feitas, que fatores interferiram nessa decisão e como as concepções sobre a profissão docente vem sendo alteradas ao longo das últimas quatro décadas. Em um plano mais específico, a pesquisa buscou refletir sobre a atividade docente, principalmente, nas primeiras etapas da educação básica, como um ofício majoritariamente feminino. Nesse sentido, procurou-se observar se há uma relação de subserviência ou simplesmente de submissão feminina na escolha da carreira, a partir do estereótipo de que a mulher nasceu para cuidar e educar. A relevância da pesquisa está, especialmente, em demonstrar, por meio de depoimentos e a partir de um contexto em que grande parte do magistério brasileiro é composta por mulheres, como foram sendo alteradas as concepções sobre a mulher, a mulher no magistério, e o magistério como profissão para mulheres. Além disso, entre outros aspectos, são recorrentes nas falas das entrevistadas alusões relativas à remuneração profissional muito baixa, a perda do “brilho da profissão” e a desvalorização profissional a que são submetidas. Nessa perspectiva, a partir de uma revisão da literatura sobre tema e de entrevistas realizadas sobre o assunto, inserindo-se nas questões de gênero, o estudo pretendeu dar uma contribuição



para revelar as diferenças, causas e intenções existentes na opção pelo magistério feminino, ao longo de quatro décadas, e o que levou a escolha dessa profissão por mulheres, no decorrer desses anos.

Palavras-Chave: Histórias de vida; Magistério; Mulheres professoras; Profissão docente; Feminização.

Abstract

The present study concerns a qualitative research project, carried out through a privileged instrument of this methodology for analysis and the interpretation of facts, life history, while allowing for the unveiling of subjective aspects, bringing them nearer to live contexts. Thus, the principal object reverts to the moment when women from different generations opt for the choice of teaching as a profession, intending to present some discussion as to how these choices were made, which factors interfered in this decision and how the conceptions concerning the teaching profession have become altered over the past four decades. On a more specific level, the research attempted to reflect upon the teaching profession, principally, in the first stages of basic education, as a purely feminine task. In this sense, there was an attempt to observe if there was a relation of subservience or simply of feminine submission in the choice of the career, based on the stereotype that the woman was born for caring and educating. The relevance of the research is, especially, to demonstrate, through depositions and based on a context in which the great majority of Brazilian teachers consist of women, how the concepts concerning women, the woman in the teaching profession and teaching as a profession for women have been altered. In addition, among other aspects, in the speeches of those interviewed there are frequent allusions as to the very low professional remuneration, the loss of the "sparkle of the profession" and the professional devaluation to which they were submitted. In this perspective, based on a revision of the literature on this theme and from interviews carried out on the subject, inserting themselves in questions of this type, the study has intended to help reveal the differences, causes and existing intentions in the option for feminine teaching, throughout four decades, and what made women choose this profession, throughout these years.

Key-words: Life stories; Teaching; Women teachers; Teaching profession; Feminization.



Resumen

Este es un estudio cualitativo realizado por un instrumento privilegiado de esta metodología para el análisis e interpretación de los hechos, la historia de vida, que permite desentrañar aspectos subjetivos, acercándose a ellos a partir de los contextos de vida. Por lo tanto, el objetivo principal se refiere a la época en que las mujeres de diferentes generaciones han optado por la elección de la enseñanza como una profesión, con la intención de presentar algunas discusiones sobre cómo se hicieron estas opciones, ¿qué factores interfieren en esta decisión y cómo las concepciones sobre la profesión docente han sido cambiadas en las últimas cuatro décadas. En un nivel más específico, la investigación trata de reflexionar sobre la actividad docente, especialmente en las primeras etapas de la educación básica como una profesión de mujeres. En consecuencia, tratamos de ver si existe una relación de subordinación o sumisión femenina simplemente en la elección de carrera, desde el estereotipo de que las mujeres nacen para cuidar y educar. La relevancia de la investigación es, sobre todo, para demostrar, a través de testimonios y de un contexto en el que gran parte de la enseñanza brasileña se compone de mujeres, que se van a cambiar las percepciones sobre las mujeres, las mujeres en la enseñanza y la enseñanza como profesión para las mujeres. Además, entre otras cosas, son recurrentes en las entrevistas realizadas alusiones relativas a honorarios profesionales muy bajos, la pérdida de “brillo de la profesión” y la desvalorización profesional en que se obligan. En esta perspectiva, de una revisión de la literatura y entrevistas sobre el tema, insertándose sobre la cuestión del género, el estudio pretende contribuir en revelar las diferencias, las causas y las intenciones de la opción por lo magisterio, por más de cuatro décadas, que llevaron a la elección de esta profesión para las mujeres durante esos años.

Palabras clave: Historias de vida; Educación; Mujeres professoras; Profesión docente; Feminización.

Introdução

O presente estudo trata de uma pesquisa qualitativa que, utilizando-se do instrumento de histórias de vida, pretende apresentar algumas discussões a respeito da escolha da mulher para atuar no magistério e como as concepções sobre a profissão docente vêm sendo alteradas ao longo das últimas quatro décadas.



Em um plano mais específico, a pesquisa busca refletir sobre a atividade docente, principalmente, nas primeiras etapas da educação básica, como um ofício majoritariamente feminino. Nesse sentido, procurou-se observar se há uma relação de subserviência ou simplesmente de submissão feminina na escolha dessa carreira, a partir do estereótipo de que a mulher nasceu para cuidar e educar.

Na história da educação brasileira vemos que, a partir das últimas décadas do século XIX, o ensino torna-se gratuito e "aberto" a todos, e isso também incluía as mulheres. Porém, o ensino estava caracterizado por questões de gênero e o aprendizado para homens continuava diferente do aprendizado destinado às mulheres. Além disso, os professores, deste período, davam aulas para alunos do mesmo sexo que o seu, não havendo, exceto algumas experiências bastante discutidas, salas mistas.

Para a mulher do final do século XIX, até as primeiras décadas do século XX, não havia muitas opções socialmente aceitas e reconhecidas. Dessa forma, ainda que concluísse os estudos básicos, ao sair da escola, ou tornava-se dona de casa, por meio do casamento, ou iria ser professora. O lugar da mulher era, notadamente, o espaço privado.

A partir da segunda metade do século XX, acontecem mudanças significativas na sociedade, que acabam influenciando também as opções e concepções das mulheres sobre a vida e a carreira. Alguns fatores foram decisivos para essas mudanças e influenciaram na escolha da mulher pelo espaço público: a emancipação feminina, a gradual inserção da mulher no mercado de trabalho, até então, masculino, os movimentos feministas, a possibilidade de frequentar o ensino superior, entre outros.

Na década de 1960, essas mudanças vão ter consequências diretas sobre a condição feminina, permitindo que a mulher se tornasse mais independente e buscasse outras possibilidades de trabalho, incluindo-se aí as carreiras de nível superior. Não obstante, é preciso considerar que desde as primeiras décadas do século XX, constata-se a presença de mulheres em cursos superiores de formação de profissionais liberais, embora baste um breve olhar sobre as imagens iconográficas destes cursos, para se verificar que a presença feminina era uma exceção e considerada como tal.

Paralelamente à evolução do mercado de trabalho acessível às mulheres, o magistério permaneceu como uma profissão fundamentalmente feminina, tornando-se quase identitária a associação de normalistas a regentes de classes primárias da educação básica.



Embora, na atualidade, seja visível o crescimento da presença masculina no magistério dos anos iniciais de escolaridade, essa constatação, da profissão docente como uma atividade feminina, continua referente nos estudos e pesquisas que tratam de gênero.

Dessa forma, a pesquisa realizada pretende contribuir com a discussão sobre a mulher no magistério e as mudanças ocorridas em suas concepções de escolha por essa profissão, no decorrer das quatro últimas décadas. Por meio da investigação qualitativa procedida, foi possível observar também quais as mais constantes aproximações e controvérsias existentes na concepção da educação de crianças e jovens como carreira profissional feminina, principalmente, para mulheres que atuaram e atuam neste ofício (Vasconcelos, 2010).

A relevância da pesquisa está, especialmente, em demonstrar, por meio de depoimentos, e a partir de um contexto em que grande parte do quadro de professores brasileiros é composta por mulheres, como foram sendo alteradas as concepções sobre a mulher, a mulher no magistério, e o magistério como profissão para mulheres. Além disso, entre outros aspectos, são recorrentes nas falas das entrevistadas alusões relativas à remuneração profissional muito baixa, a perda do “brilho da profissão” ao longo dos anos, e a desvalorização profissional a que são submetidas, quando, apesar de terem estudado para tal ofício, as licenciadas não são consideradas professoras e sim “tias” no sentido pejorativo da palavra.

Nessa perspectiva, a partir de uma revisão da literatura sobre tema e de entrevistas realizadas sobre o assunto, o estudo pretendeu dar uma contribuição para revelar dentro das questões de gênero, as diferenças, causas e intenções existentes no magistério feminino, ao longo de quatro décadas, e o que levou a escolha dessa profissão por mulheres, no decorrer desses anos.

As entrevistas foram norteadas pelas seguintes questões: Quais os motivos que levaram à escolha da profissão docente pelas mulheres? O que mudou no decorrer das décadas na escolha desta profissão? Como as mulheres vêm o magistério das primeiras etapas da educação básica, hoje?

Assim, a partir de uma investigação qualitativa, permeada por indagações levantadas durante esse estudo, e com base nos relatos e argumentos obtidos nas entrevistas, tentou-se tecer análises relativas à questão do problema inicial: Como as circunstâncias da opção pelo magistério feminino têm sido alteradas nessas últimas quatro décadas? Nesse sentido, o estudo procurou atender aos objetivos levantados inicialmente, entre eles, analisar as circunstâncias da escolha



da profissão docente pelas mulheres e refletir sobre o que mudou no decorrer das quatro últimas décadas na escolha desta profissão.

Os procedimentos metodológicos utilizados referem-se a uma pesquisa qualitativa, baseada em depoimentos obtidos por meio de entrevistas realizadas com quatro professoras do magistério público que ingressaram nesta profissão, respectivamente, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

A mulher na profissão docente

Na atualidade, pode-se observar o quanto a profissão docente, especialmente nas primeiras etapas da educação básica, é composta, de forma significativa, por mulheres. Nas escolas, a presença feminina na docência para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental sobrepuja, sobremaneira, a presença masculina. Os próprios cursos de formação de professores, sejam de nível médio – o Curso Normal – ou de nível superior – o Curso de Pedagogia –, estão repletos da presença feminina em detrimento da masculina.

Porém nem sempre foi assim, as mulheres foram ingressando no magistério aos poucos, conforme a própria evolução da profissão docente nas diferentes épocas, que remete a consolidação de um sistema de educação pública em fins do século XIX.

Quando se fala da mulher no magistério, deve-se observar que a sua entrada no mercado de trabalho não aconteceu de uma maneira simples. Além disso, pode-se afirmar que a docência foi uma das primeiras profissões aceita e reconhecida pela sociedade, a qual era permitida à mulher, desde que se observassem rigorosos padrões de comportamento tidos como padrões de “moralidade”.

Desde o Brasil colônia que as mulheres estavam confinadas a casa, sendo que, fora dela, a única opção possível para educação eram as escolas nos conventos dirigidos por freiras, para onde as famílias mandavam as filhas, não propriamente por motivos de instrução, mas, especialmente para resguardá-las evitando maus casamentos ou fugas (Vasconcelos, 2005; 2007).

De fato, até adiantado o século XIX, a educação da mulher não era nem bem vista, como constata nosso outro estudo:

A elite que via a educação como algo dispensável e, às vezes, até pecaminoso, particularmente para as mulheres, pois acreditava-se que a “doutorice” feminina as



desviava do destino natural de se tornarem mães de família, inteiramente dedicadas à casa e aos filhos, comprometendo a obediência aos maridos e pais (Vasconcelos, 2008, p. 3).

Aos poucos, ainda nos oitocentos, passa-se a valorizar a educação como forma de “civilizar” o país, nos moldes europeus, e às mulheres é incentivada uma formação básica, preferencialmente feita na casa, com currículos e habilidades diferentes daqueles previstos aos homens. E esse acontecimento só foi possível, a partir da lenta aplicação da primeira Lei de Ensino, publicada em 15 de outubro de 1827, que determinava a educação para todos, excetuando-se os escravos, mas incluindo as mulheres.

De acordo com Gondra (1997), a Lei de 1827 possibilitava o ingresso nas escolas das mulheres, tanto alunas quanto mestras, e o acesso à instrução, a partir das regras descritas nesse artigo. Essas mulheres saíam do espaço privado para o público, somente para retornar para a casa (privado), um pouco mais especializadas. Apesar de parecer uma possibilidade redundante e sem perspectiva, naquele momento, vislumbrava-se algo novo para o universo feminino.

Vasconcelos (2008) afirma que, o exercer da função do magistério, desde o século XIX, com as primeiras educadoras – as preceptoras, abriu a possibilidade de uma ocupação feminina, na qual elas “oficialmente instituídas (...) tornaram o seu ‘fazer’ uma ‘atividade profissional’ remunerada, representando a abertura do mercado de trabalho intelectual à condição feminina” (2008, p. 38). Já Almeida (1998), observa que, nessa nova possibilidade de ocupação, a mulher não tinha apenas a função de ser uma “boa mãe e boa esposa para o marido” e para a sociedade, agora ela também poderia ter uma ocupação de cunho social.

Dessa forma, ao aderir ao magistério como ocupação feminina aceita, as mulheres abriram um campo de atuação, não ficando mais restritas somente ao lar e a família. Com isso ocorreu uma rápida feminização da profissão, “ser professora, na opinião de grande parte da sociedade, era ter a profissão ideal da mulher, que tinha uma moral mais elevada que o homem, era mais delicada e indulgente com as crianças, além de doce, carinhosa, sentimental e paciente” (Almeida, 1998, p. 62).

A inserção feminina no magistério foi, relativamente, “bem vista”, por aqueles que defendiam a educação feminina, pois se atribuía à mulher uma condição natural e habilidade para educar crianças, como se fosse a sua “vocaçãõ”. Assim, as mulheres foram sendo aceitas nesse novo ambiente. Ambiente, no qual, além



de poderem educar crianças – para o quê já tinham o “dom nato” – também aprimorariam seus conhecimentos para serem boas mães e boas donas de casa.

A presença das mulheres possibilitou incorporar ao magistério os atributos da maternidade e, conseqüentemente, a carreira ficou mais feminina e inseriu uma determinada mudança no imaginário social acerca da profissão. Essa áurea de feminilidade (...) passou a revestir a docência no ensino primário (Almeida, 1998, p. 80).

Nesse sentido, são notáveis o afastamento do profissionalismo e a junção das qualidades maternas ao magistério. E esse pensamento transcorre de forma explícita no século XIX, atravessando, ainda, boa parte do século XX e, pode-se supor, trazendo resquícios até os dias de hoje, porém de uma forma um pouco mais velada e sutil, só perceptível no discurso que, vez por outra, denota essas questões ainda presentes.

Essa tendência do profissionalismo sendo sobrepujado pelas qualidades maternas femininas é criticada por Silva (2002), quando a autora afirma que:

Os estudos (...) têm demonstrado que a idéia de centrar as bases da competência docente em características “tipicamente femininas” é um raciocínio que começa a dar sinais de deterioração. Este saber tão exaltado e paradoxalmente, tão desqualificado em vincular-se a condição de mulher e não à de profissional, é construído através de um longo percurso de profissionalização (Silva, 2002, *apud* Campos e Silva, 2002, p. 100).

Ou seja, por mais que a mulher tenha bons resultados com seus métodos e tenha sucesso na profissão, essas conquistas são atribuídas a sua “feminilidade nata” e, não, ao retorno do seu trabalho competente; quando muito se afirma ser um resultado de “treino” da prática profissional. Bruschini (1981; 1998) argumenta que no decorrer da história, a ideia da vocação feminina para o magistério vem permeando a fala de educadores e educadoras. Assim, fica enraizada a concepção de que a mulher tem aptidões e tendências inatas para certas tarefas. “Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira” (Bruschini, 1981, p. 72).

Nesse contexto, vê-se a imagem da professora – uma profissional da educação –, sendo comparada à mãe ou até, muitas vezes, à tia de seus alunos, essa última constituindo-se, inclusive, na nomenclatura usualmente incentivada para o trato com as crianças menores. Embora essa não seja uma situação considerada negativa, porém, impõe uma caracterização que não dá o real valor à profissional do magistério.



Paulo Freire (1993) argumenta que a professora não deve aceitar outra titulação que não seja professora. Sub-nomes como mãe ou tia, não lhe fazem jus, pois assim ela estaria renegando os seus direitos como profissional. “Quanto mais aceitamos ser tias e tios, tanto mais a sociedade estranha que fazamos greve e exige que sejamos bem comportados” (1993, p. 33).

A partir de meados do século XX, essa visão das mulheres em relação à atuação no magistério vem mudando bastante. Freire (1993) adverte que as mulheres precisam lutar por seus direitos, não deixando se fazer “por menor”, pois a valorização precisa vir de dentro para fora. Quando elas começarem a reivindicar, a população notará a sua presença e atuação no professorado.

Mudanças ocorridas na escolha da profissão docente

Michelle Perrot (2007), pesquisadora e escritora sobre assuntos relacionados à valorização e reconhecimento das mulheres na história, acredita que “são elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse... uma desvalorização das mulheres por si mesmas” (Perrot, 2007, p. 17). É a partir dessa premissa que o presente estudo pretendeu recuperar algumas das histórias femininas, particularmente, aquelas que envolveram a opção pela profissão docente.

Nesse sentido, procurou-se recompor as circunstâncias da opção pelo magistério feminino, por meio dos depoimentos de quatro professoras que ingressaram na carreira docente, respectivamente, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000, e analisar como essas concepções têm sido alteradas, nas últimas décadas, em relação à escolha da profissão, ou seja, quais os motivos que levaram cada uma dessas mulheres, em sua época, a optar pela carreira docente.

Para a realização das entrevistas acerca da temática estudada foram contatadas quatro professoras da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, tendo como critério principal que atuassem nos primeiros anos de escolaridade da educação básica, durante a sua trajetória profissional, e que tivessem ingressado, respectivamente, em cada uma das quatro últimas décadas.

Assim, foram obtidos depoimentos de uma professora que ingressou no magistério nos anos de 1970, a quem se denominou de P1. A seguir, designou-se como P2, a professora entrevistada que iniciou as suas atividades na carreira docente em meados dos anos de 1980. A professora chamada de P3 começou a atuar na



educação básica nos anos de 1990 e, a última entrevistada, designada neste estudo como P4, foi recentemente concursada, tendo ingressado no magistério público já nos anos 2000. As denominações de P1, P2, P3 e P4, foram escolhidas para resguardar a identidade das entrevistadas, garantindo o anonimato e a liberdade nos relatos apresentados.

Iniciamos as entrevistas com a professora P1, atuante na educação básica desde os anos de 1970. Quando questionada a respeito do motivo da escolha da profissão docente ela faz a seguinte colocação: *“Porque toda a minha família é da educação minha mãe, minha avó... eu queria ser professora também”*. Ao ser perguntado se a sua família tinha lhe dado apoio nessa escolha ela responde com dureza: *“Não tinha que apoiar, tinha que ser professora! Todas eram professoras, minhas irmãs são professoras, era o certo. Só podia ser professora”*. A professora P1 ingressou no magistério por uma tradição familiar. Todas eram professoras, era algo destinado a acontecer.

A mesma pergunta direcionada para P4, atuante na educação básica, a partir de meados dos anos 2000, reflete a mudança conceptual na visão da família sobre a profissão docente: *“Sim, não tive problemas quanto à escolha da profissão, mas escutei alguns comentários sobre minhas poucas chances de ganhar dinheiro sendo professora”*.

Na fala das entrevistadas P1 e P4, observam-se as mudanças em relação à valorização da profissão docente. Enquanto nos anos de 1970 tratava-se de uma profissão valorizada e moralmente apreciada, na atualidade, muitas vezes, é encarada pela família como uma decepção, ou escolhida acidentalmente por falta de outra opção.

A partir dos anos de 1980 em diante, o ingresso da mulher no magistério ocorre por diversos motivos. Observa-se um deles na fala da professora P2, atuante no magistério desde a década de 80, quando localiza a sua escolha de ser professora: *“Na época já estudava no Instituto de Educação e acabei ficando para fazer o curso normal”*. Da mesma forma, ao questionar a professora P3, que ingressou no magistério na década de 90 tem-se uma resposta parecida: *“Ao iniciar o antigo curso normal não era meu primeiro interesse, após o estágio, depois de formada, é que realmente interessei”*. A mesma influência da possibilidade/facilidade de cursar o ensino médio na modalidade normal aparece também nos anos 2000, quando P4, relata *“no colégio onde eu estudava havia o Curso Normal (formação de professores). Achei que seria vantajoso fazê-lo, pois concluiria o Ensino Médio já*



tendo uma profissão. Além disso, algumas pessoas me falavam que eu tinha perfil para a área da educação”.

Com base nos relatos colhidos nota-se que a carreira do magistério, tornou-se, ao longo do tempo, uma escolha realizada ao acaso, muitas vezes, por falta de outra opção. Outro aspecto que chama a atenção é a concepção das professoras entrevistadas quanto ao que significa ou significava, em sua época de ingresso, a carreira do magistério:

É trabalhar pela socialização, pelo progresso, e trabalhar com determinação perseverança. No meu caso eu pensava em trabalhar com crianças menos favorecidas, crianças carentes, foi esse o meu pensar, eu pretendia e pretendo continuar trabalhando com crianças carentes. (P1)

Uma profissão como outra qualquer. A estabilidade seduz! (P2)

Já era naquela época uma profissão desvalorizada. (P3)

O magistério é uma profissão muito desvalorizada pela sociedade nos dias atuais. (P4)

Percebe-se, nos depoimentos das entrevistadas, que com o decorrer dos anos o significado da profissão docente foi alterando-se, desde a representação de um trabalho importante, com um forte apelo social, passando por “uma profissão como outra qualquer”, até a constatação de “uma profissão muito desvalorizada”. Guiando-se pelos relatos, vê-se que a escolha da mulher pela profissão docente, hoje, difere, sobremaneira, das motivações que a impulsionavam em décadas atrás. Pertencendo as camadas sociais médias, as mulheres eram praticamente destinadas a essa profissão ao longo dos anos de 1970. Hoje, o magistério é visto com conformismo, para o qual são buscadas, com dificuldade, explicações que justifiquem tal escolha.

Perguntadas se a carreira do magistério foi a sua primeira opção de escolha, as entrevistadas assim se posicionaram:

Já disse que sempre quis ser professora! Mas antes de atuar no magistério fui bancária, trabalhei como bancária, esperando abrir o concurso da prefeitura. Queria trabalhar no município auxiliando o social, queria trabalhar com carentes. (P1)

Já trabalhava como gerente administrativo em um Banco Paulista quando fui chamada para tomar posse na Prefeitura. (P2)

Não foi a primeira opção. (P3)

Durante o curso Normal, já pretendia cursar a faculdade de pedagogia, pois estava



gostando do magistério, mas pensei também em psicologia. Porém, desde a infância, pensava mesmo em fazer engenharia, já que tenho muito interesse em matemática e exatas. (P4)

Enquanto as professoras que ingressaram no magistério nas décadas de 1970 e 1980 deixaram de lado empregos em bancos, optando pela carreira docente, segundo elas por se tratar de uma profissão que “para a mulher da época valia a pena seguir”, as professoras que ingressaram nas décadas mais recentes, não tinham a profissão docente como primeira opção. Era apenas uma opção entre outras.

Dessa forma, constata-se com certa nitidez, como a visão do magistério passou por transformações ao longo das últimas décadas, tanto na concepção das mulheres professoras quanto na visão da sociedade. Quando perguntadas sobre a visão pessoal que cada uma teria, hoje, da profissão docente, considerando a sua trajetória profissional, as respostas foram as seguintes:

Hoje é uma decepção. Nós trabalhamos com determinação, perseverança. Mas..., com poucos recursos, pouco auxílio dos responsáveis, as famílias não colaboram, o governo, o apoio do governo é pouco, não é de acordo com o necessário. Nós precisamos de psicólogos, nós precisamos do pessoal de fono, nós precisamos de uma série de coisas as quais nós não temos acesso. (P1)

Politicamente desvalorizada [a profissão docente], contudo atribuo aos próprios professores a responsabilidade por esta “posição” conquistada!!! Em minha opinião os professores precisam rever suas práticas pedagógicas e perceberem que também, de alguma forma, são co-responsáveis pela atual situação do processo ensino-aprendizagem encontrar-se nesta situação. (P2)

O professor deveria ser muito valorizado para poder propiciar ao aluno o despertar de consciência, o que se dá através da leitura. (P3)

Essa profissão deveria ser extremamente valorizada em diversos aspectos, principalmente no financeiro e no social, pois o professor é alguém que precisa buscar conhecimento, informação e formação, constantemente, de modo a manter-se preparado e atualizado. Além disso, exerce outras funções paralelas, porém essenciais na escola, como por exemplo, ser conselheiro, juiz, psicólogo, enfermeiro, ou seja, precisa ter muita sabedoria e “jogo de cintura” para lidar com o cotidiano da escola. O professor é alguém que se doa o tempo todo. (P4)

Observa-se que as professoras que ingressaram no magistério há mais tempo, demonstram um pessimismo maior em relação à profissão docente, buscando culpados para as circunstâncias atuais, entre eles, o governo e a família. Além dos fatores externos, as professoras atribuem as “culpas” pelo “fracasso da educação” ao próprio professor. As demais professoras parecem ainda ter expectativas em



relação à valorização da profissão, ressaltando a necessidade de atualização constante e a consciência da diversidade de funções que o professor desempenha na escola.

Quanto às perspectivas e importância da profissão docente nos dias atuais, as entrevistadas deram as seguintes respostas:

...[risos] é difícil hein, porque eu trabalho há 33 anos com duas matrículas, já passei do tempo da aposentadoria, estou sendo premiada pela prefeitura. É...., hoje, eu já tenho idade, então eu continuo! Eu ainda acredito no meu trabalho, mas sinceramente está muito difícil. A comunidade é muito sofrida, as crianças vêm para escola sem limites, o trabalho é muito árduo e muito difícil, a inclusão é feita com pouco apoio, as crianças são incluídas em turmas com pouco apoio, não é com o apoio necessário, as turmas ficam super lotadas, é muito difícil trabalhar, é muito difícil trabalhar como um professor, aquele professor que realmente deseja fazer a diferença, é muito difícil. Porque a gente tem o que passar para os jovens, eu quero passar a minha experiência, eu não vou dizer que é tudo maravilhoso. É preciso ter por vocação determinação, muita força de vontade porque não é fácil não. (P1)

Ser UM DOS RESPONSÁVEIS [ênfase da entrevistada] pela formação inicial de um ser humano (quando me refiro ao professor das séries iniciais do ensino fundamental), saber que você poderá tornar-se uma referência em relação a valores morais, sociais, culturais para um ser humano em formação. Isso é muito sério e importante!!! (P2)

o professor está sempre aprendendo coisas novas com os alunos; exercitar o relacionamento inter-pessoal o tempo inteiro; ser admirado e respeitado pelos alunos, pois elegem o professor como alguém digno de confiança. (P4)

Em que pese às inúmeras dificuldades citadas, percebe-se que, de alguma forma, todas as respondentes consideram o seu trabalho importante e de grande responsabilidade, embora bastante desvalorizado pelas autoridades gestoras.

Questionadas sobre como seria possível mudar essas circunstâncias relativas à desvalorização da profissão docente, as professoras entrevistadas ressaltaram, desde problemas do âmbito da própria escola, a referências ao trabalho dos professores, recursos humanos e materiais, questões salariais, e até as condições sociais que se refletem na escola. Em todas as falas aparecem como recorrentes, implícitas ou explícitas, questões referentes a melhores salários, condições dignas de trabalho, apoio por parte dos órgãos competentes e etc. Entretanto, das quatro professoras entrevistadas, três acreditam em políticas de melhoria. Apenas uma professora demonstrou-se cética no que diz respeito à possibilidade de mudanças.

Com efeito, pode-se afirmar que, embora as entrevistadas questionem, hoje, a sua



opção pelo magistério, todas elas demonstraram uma identidade com a profissão docente, construída ao longo de suas trajetórias profissionais, e, em que pese às diferenças no tempo de atuação no magistério de cada uma, seus depoimentos parecem denotar que não pensam em abandonar a profissão, ainda que tenham consciência de seus inúmeros desafios.

Certamente, os motivos que levaram P1 a ser professora, no início dos anos de 1970, já não fazem mais parte do cenário educacional, sendo difícil até compreendê-los em sua subjetividade de valoração. Contudo, nas décadas seguintes, o contexto que hoje está consolidado, já dava mostras de seu declínio em relação às concepções sobre a profissão docente e, mesmo isto posto, não impediu as demais professoras de fazerem as mesmas escolhas.

Ao finalizar esse estudo conclui-se que apesar de, relativamente, abandonadas as concepções ingênuas de vocação e sacerdócio, as professoras, hoje, tem consciência das circunstâncias que irão encontrar ao ingressar na profissão docente, porém ainda carregam marcas de uma época em que o professor não era “um trabalhador qualquer”, mas distinguia-se socialmente pela sua carreira. Com isso, constata-se que, ao longo das quatro últimas décadas, ocorreu uma alteração substancial na concepção sobre a escolha da profissão docente, especialmente para as mulheres.

Considerações finais

No presente estudo, por meio da realização de uma pesquisa qualitativa, com base na história de vida de quatro professoras, foram apresentadas algumas reflexões a respeito da escolha da mulher pelo magistério e como as suas concepções sobre a profissão docente foram sendo alteradas entre os anos de 1970 e 2000.

Os depoimentos tomados por meio de entrevistas com mulheres que ingressaram no magistério ao longo das quatro últimas décadas, oferecem pistas sobre os motivos que as levaram à escolha da profissão docente e o que mudou no decorrer dos anos na escolha desta profissão. Além disso, seus relatos demonstram como essas mulheres vêm o magistério das primeiras etapas da educação básica, hoje, e quais as perspectivas que têm em relação à profissão docente.

Constata-se que as mulheres, sem desabilitar-se das tarefas domésticas, compartilham seu tempo com as atividades profissionais, embora se considerem desvalorizadas em sua carreira escolhida. Todavia, o magistério permanece como



sendo atrativo para o universo feminino pelas possibilidades de conciliar a dupla jornada diária, em uma profissão que pode ser realizada em meio período, apesar da má remuneração.

A partir da revisão da literatura sobre o tema tratado, percebe-se que do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, não havia muitas opções para a mulher, que pudessem ser aceitas e reconhecidas socialmente. Até adiantado os novecentos, o lugar reservado para a mulher era notoriamente o espaço privado. O magistério constituía-se em uma das poucas opções considerada com prestígio social e, até, estimulada pelas famílias que aceitavam a atuação da mulher fora do espaço doméstico.

Em que pese o papel da mulher na sociedade ter avançado consideravelmente, em contrapartida, a profissão originária para a condição feminina não acompanhou esses avanços, e foi, progressivamente, sendo desvalorizada socialmente, à medida que outros espaços surgiram para as mulheres. O estudo mostra também que as questões de gênero, as diferenças, causas e intenções existentes no magistério feminino, foram modificadas ao longo de quatro décadas, embora a visão romantizada da profissão docente tenha deixado marcas profundas em suas representantes, que permanecem tendo como paradigma uma escola que, talvez, somente tenha existido em suas concepções, quando da escolha da profissão. Hoje essa profissão é envolvida em um cenário de constantes lutas. Lutas cotidianas travadas com diversos atores, como o governo, as políticas públicas, e até mesmo o próprio dia a dia dentro de sala de aula.

Contudo, essas mulheres continuam na profissão que escolheram, tecendo suas próprias considerações, construindo suas concepções, revendo seus conceitos, enfim reconstruindo suas justificativas de escolha, muitas vezes, por já estarem neste ambiente, ou porque simplesmente não teriam outra opção de carreira.

Finalizando, o estudo revela um aspecto do emaranhado de complexidades que envolvem a decisão de tornar-se professora, em contextos marcados pelas circunstâncias políticas, econômicas e sociais de cada época. Cabe a outras tantas pesquisas aprofundar essas motivações e analisá-las sob diferentes perspectivas de investigação.



Referências

- Almeida, Jane Soares. (1998). *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP.
- BRASIL. (1827). Lei do Império de 1827. Retirado de www.pedagogiaemfoco.pro.br/lei1827
- Bruschini, Cristina, & Amado, Tina. (1998). Estudos sobre mulher e educação: Algumas questões sobre o magistério. *Caderno de pesquisa*. São Paulo (64): p. 4-13, Fev. Retirado de www.webartigos.com
- Bruschini, Cristina. (1981). Vocação ou profissão. *Revista da ANDE*. São Paulo: CNPQ e FINEP, ano 1, n. 2, p. 70-74.
- Campos, Maria Chistina Siqueira de Souza, & Silva, Vera Lucia Gaspar da. (2002). *Feminização do magistério: Vestígios do passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: EDUSF.
- Freire, Paulo (1993). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água.
- Gondra, José G. (1997). O dia do professor – a ordem, a lei e as regras. In: *Caminhando em educação – Coletânea VI*. Rio de Janeiro: UERJ/ Faculdade de Educação.
- Perrot, Michelle. (2007). *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto.
- Vasconcelos, Maria Celi Chaves. (2005). *A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Editora Gryphus.
- Vasconcelos, Maria Celi Chaves. (2007). A educação doméstica no Brasil de oitocentos. Natal: RN, *Revista Educação em Questão*. Departamento e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, v.28, n.14, Jan./Jun.
- Vasconcelos, Maria Celi Chaves. (2008). Entre quatro paredes. Rio de Janeiro. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Edição n. 61, Out. Retirado de www.revistadehistoria.com.br
- Vasconcelos, Maria Celi Chaves. (2010). Pesquisas na história da educação: sujeitos, fontes e instituições. In: Vasconcelos, Maria Celi, & Faria, Lia Ciomar Macedo (Orgs.). (2010). *Histórias de pesquisa na educação: pesquisas na história da educação*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 137-168.